

## EXCERTO DE NOCTURNO, o romance de Chopin

(...) *Quando eu morrer, retirem-me o coração. Tenho medo de ser enterrado vivo...*

Agora que acabara de escrever esta sentença, sentia-se mais aliviado, quase sereno. Ele tinha a certeza absoluta de que Ludwika se encarregaria deste assunto. Tinha a certeza que quando chegasse a hora seria enterrado morto, morto com toda a certeza. Incompleto. Sem coração.

Ora, este é um medo que toda a gente, mais tarde ou mais cedo, sente.

Ninguém ousa imaginar como é que será a sua morte, ou por outra, sabemos sim, que morreremos, agora pensar em coisas tortuosas e

longínquas, funerais, cantilenas, choradeiras e frio, muito frio, isso é que não. Portanto, ninguém pensa na morte que é, afinal, parte da vida. Mas Fryc, uma vez chegado a esse ponto derradeiro em que teve certezas absolutas dum futuro inconcebível, ele que asfixiava até ficar com o rosto negro quando a tosse lhe vinha, ele que era novo e velho, forte e fraco, belo e feio, ele que sentia acima de todos os sentimentos uma tristeza infinita por saber intimamente que mais um dia, mais dois dias, não mais que três dias, mais uma hora, mais duas horas, talvez menos do que isso e a sua vida desapareceria para sempre da vida da sua querida Ludwika, da vida de Delfina Potocka, da vida de Jane Stirling, da vida de Franz Liszt, da vida de Tytus Woicieszowka, da vida de Delacroix, da vida de Jenny Lind, de Solange, assim como outros seus muito queridos também já tinham desaparecido da sua própria vida. Já tinham partido sabe-se lá para onde, uns vivos como Maman Sand e outros mortos.

Com todos estes pensamentos a rondar-lhe o leito, Fryc, aceitou a presença dum velho seu amigo, o padre Jelowicki que insistiu muito em dar-lhe a Extrema-Unção, preceito que o moribundo ia recusando muito contrariado e com a energia que lhe restava.

«Morrerei como um porco, se não aceitar a Extrema-Unção, não é?»

«Morrerás como um animal, sim, é verdade!...» sibilou o seu amigo padre aproximando-se dele e fazendo vários gestos por cima da testa húmida e da expressão aterrada de Fryc.

O padre, todo vestido de negro, inclinado sobre a sua cabeça, sondando-lhe a respiração, investigando com minúcia os fracos movimentos da face, fazendo penetrar o seu olhar através das pálpebras descaídas do mortiço Fryderyk, ia fazendo esforços para que ele

lhe falasse, para que ele lhe respondesse mas Fryc estava pouco interessado na cerimónia. Preferia o médico, preferia um bom amigo que não fosse padre, uma boa

notícia, uma boa canção, uma linda ária sem atropelos de tosse, sem conhecimento da dor.

Contudo, o padre Jelowicki não arredava pé da sua obrigação.

«Partirás em sossego e em paz, meu amigo. Vou dar-te, pelo sim, pelo não, os sacramentos...»

«Obrigado, meu amigo! Um sacramento é sempre bem-vindo...» sussurrou, ainda irónico, o pianista (...)

(...) Finalmente, quando mais de três mil pessoas convidadas, entre amigos e admiradores e interessados se despediram de Fryc, com muita emoção, deu-se início ao serviço religioso acompanhado pela orquestra que, num arranjo especial, tocou a Marcha Fúnebre, obra do próprio Chopin.

E logo a seguir o Requiem de Mozart. O Requiem que Chopin tanto amou e que sabia que podia incendiar toda esta gente e até fazer com que o Sol que ia brilhando no céu, no altíssimo azul que protege todo o mundo, esse Sol, com este som, poderia trespassar as grossas paredes da igreja da Madeleine aquecendo assim todas as almas presentes; e sabia também que todas as luas e todos os astros celestes que dançam eternamente pelo espaço infinito vibrariam mais ainda ao som desta música; que talvez, ao ouvi-la, os homens não morressem, talvez desaparecessem por um longo período, que talvez se transformassem noutros homens; que talvez a noite não descesse tão cruelmente sobre todas as vidas; que talvez esta música proporcionasse algum milagre.

Foi por tudo isto, por todos estes pensamentos e por acreditar acima de tudo na música e por acreditar que a música faz despontar sentimentos por mais escondidos que estejam, que a música ressuscita, que Fryderyc Franciszek Chopin escolheu a música de Mozart para o acompanhar até à terra, até ao fundo da terra onde nem sequer a tristeza existe.

(...)